

Editorial

UM DIA DE AZAR

Ontem de manhã, num ônibus que vinha de Santa Luzia para Belo Horizonte, na altura do bairro Ribeiro de Abreu, na região Nordeste da capital, morreram três pessoas: dois assaltantes e uma passageira.

Santa Luzia é uma cidade-dormitório, e os passageiros vinham pegar serviço na capital. Entre eles estava um policial militar fardado, também a caminho do trabalho. Surpreendidos, os bandidos não se renderam.

No tiroteio que se seguiu, o PM matou os dois assaltantes, jovens em volta dos 20 anos de idade. Um deles portava um revólver calibre 32, mas o outro tinha uma réplica de pistola. Como criminosos, eram amadores.

O policial sabia atirar, tanto que matou os dois. O ônibus tinha passageiros em pé. Pode ter matado também a mulher, mas o mais provável é que ela tenha sido atingida por um dos assaltantes, que deram um tiro.

Agora, o exame de balística vai verificar de qual arma partiu o tiro que matou a passageira. O PM foi preso, e sua arma, recolhida. Sabe-se que um projétil atravessou o corpo de um dos criminosos, atingindo outro lugar.

Discute-se agora se o policial devia ou não ter reagido. Leitores se manifestam a seu favor, considerando-o um herói. Se não tivesse reagido, poderia ter sido morto ou, melhor, ninguém morreria.

Agora, quem vai saber? As autoridades instruem o cidadão a não reagir a assaltos à mão armada. Ele tem todas as chances de levar a pior. Já os policiais teriam o dever de defender a população.

Os assaltantes tiveram o fim esperado. Optaram por uma atividade de alto risco, que é encontrar entre os passageiros um policial ou mesmo um cidadão mais atirado. Isso já aconteceu outras vezes.

Para completar, o Samu demorou uma hora para socorrer a mulher. Apesar de levada de helicóptero, ela morreu ao dar entrada no hospital. Ontem foi um dia de azar para ladrões pobres e para uma pobre mulher.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

GERENTE DE ASSINATURAS
Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Carla Chein

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke

QUEREM ACABAR COM A DOAÇÃO DE GRANDES EMPRESAS PARA CAMPANHAS POLÍTICAS!



ALEGAM QUE NOSSOS MANDATOS FICAM À MERCÊ DOS INTERESSES DESSAS EMPRESAS!



VOU LIGAR PARA OS DOADORES DA MINHA CAMPANHA E SABER O QUE DEVO PENSAR A RESPEITO DISSO!



DUKE

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Um almoço sertanejo de Natal para Maria Clara e Inácio

A gastronomia religiosa católica é um bem cultural valioso

Quando minha filha Débora disse que só viria dia 25 de dezembro, emendou algo assim como sugestão: “Ô mãe, vamos fazer um almoço de Natal como o da bisavó Maria no sertão, onde não havia ceia, mas almoço de Natal”. Respondi: “Gosto mais de almoço do que de ceia de Natal!”. Lá na Palestina, hoje Graça Aranha (MA), não dizíamos dia de Natal, mas dia do Nascimento, mas falávamos almoço de Natal...

Fiquei a matutar com meus botões que almoço de Natal é leitão e peru (pena não ser peru caipira, engordado no chiqueiro uns dois meses antes); e no dia seguinte “quiabada do peru de Natal” – ossada do peru com quiabo, que vovó servia numa sopeira de porcelana tão linda que eu me perguntei por que nunca tive uma. Anotei mentalmente: eu mereço uma! Como não ter uma sopeira até hoje? Taí uma louça que é a cara da vovó! E fiquei pensando por que Débora e Livia, de vez em quando, falam com saudades de coisas que só vivenciamos através das histórias que conto para elas.

E viajei embalada em memórias reconfortantes daquela mesa grande da copa aprazível da casa da vovó, onde a gente não sentia calor porque um lado era avarandado: a enorme sala de estar em L, a copa e a cozinha que davam para um saguão – separadas dele por um peitoril – que era um jardim, no qual havia, além de outras plantas, um pé de magnólia, um caramanchão com um pé de uva e uma frondosa laranjeira... Do outro lado do saguão ficavam dois quartos, um deles o meu – todos de parede inteiriça, mas com janelas que davam para o saguão. O

quarto da vovó era enorme, na parte da frente da casa, ao lado da sala de visitas, separados do armazém por um corredor, e no fim dele a sala de estar em L, com cadeiras espreguiçadeiras, a cristaleira, a minha máquina de costura Singer...

A gente comia na copa num clima sempre refrescante e demorado: depois da comida, vinha a sobremesa, o café e só então levantávamos. Ninguém saía da mesa antes do cafezinho, mesmo as crianças, que não tomavam café! Tanto que vi minha neta Clarinha, que ama e

Almoço de Natal é leitão e peru (peru caipira, engordado no chiqueiro dois meses antes); e no dia seguinte “quiabada de Natal” – ossada do peru com quiabo

faz questão de comer à mesa, e meu neto Inácio em um almoço de Natal em nossa casa do sertão. Ri da impaciência deles querendo sair da mesa antes do cafezinho e a vó Maria dirigindo-lhes uma olhada de rabo de olho, sem dizer uma só palavra, e eles entenderam que era uma repreensão (será?). Eles adorariam conhecer aquela casa e comer aquela comida, dita fidalga ou de banquete, dos dias de festas que vovó e mãe faziam como ninguém.

Sou de uma família que se desdobrava na preservação da gastronomia religiosa, as ditas “comidas de preceito”, na Semana Santa, no São João e no Natal. Mesmo não professando nenhuma reli-

gião, faço questão de manter em minha casa tais tradições, pois a gastronomia religiosa católica é um bem cultural valioso. Tenho dito que “a comida é uma das expressões culturais mais expressivas de um povo, só comparável à língua, pois eterniza costumes, afetos e história, e que as saudades do paladar são memórias culturais eternizadas”.

E pensei que uma forma de matar minhas saudades daqueles almoços de Natal do sertão, além da comida, seria fazer a árvore de Natal como a da casa da vovó, que nada tinha a ver com pinheiro. Era de galho seco, pintado com tinta alumínio, envolto em algodão bem branquinho, imitando neve (imagina neve no sertão!), e com bolinhas de vidro de muitas cores... Espero que Clarinha e Inácio gostem e, se agora ainda não são capazes de entender, um dia, vendo as fotos, decerto entenderão nossa cultura familiar.

DUKE

